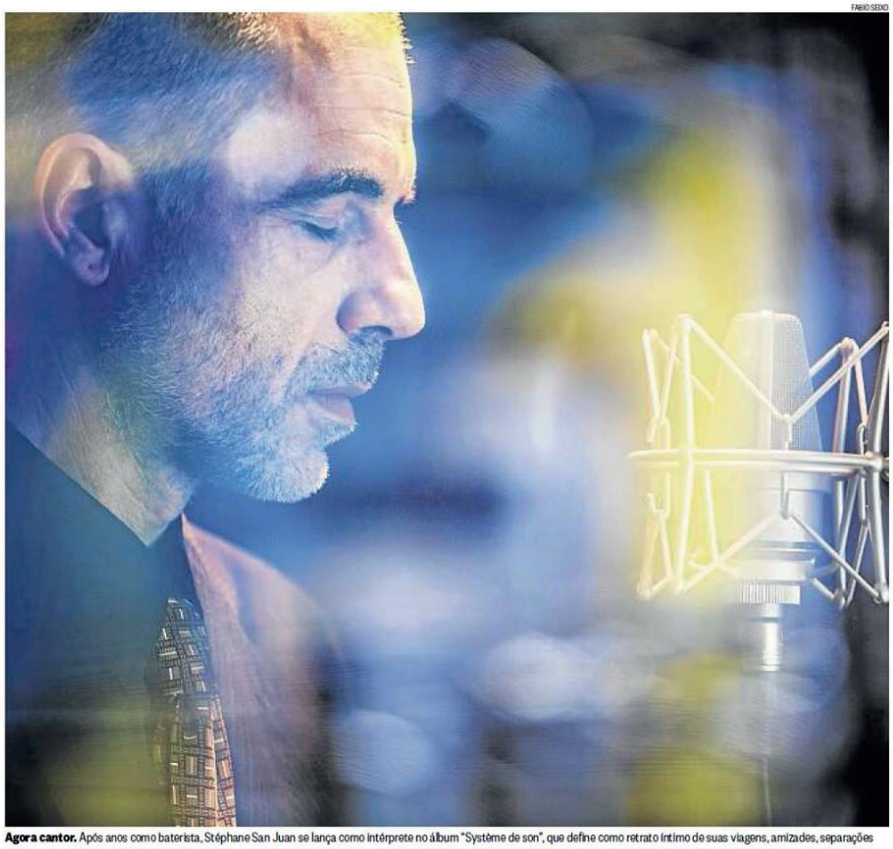
PERFIL

UM NÔMADE MULTICULTURAL

No Rio há 12 anos, o baterista francês Stéphane San Juan estreia em disco solo, em que sintetiza uma vida e uma carreira espalhada por África, Europa e Brasil

LEONARDO LICHOTE
llichote@oglobo.com.br

FABIO SEIXO



Agora cantor. Após anos como baterista, Stéphane San Juan se lança como intérprete no álbum "Système de son", que define como retrato íntimo de suas viagens, amizades, separações

Viajando pelo Mali, o baterista francês toca ritmos da África Ocidental com notas de dinheiro grudadas no corpo suado — "gorjeta" da plateia, que manifesta assim sua aprovação. Em Londres, sem falar inglês nem conhecer ninguém, em pouco tempo está inserido na nascente cena de acid jazz, de bandas como Jamiroquai, Brand New Heavies e Incognito. Em São Paulo, na primeira noite de suas férias em terra brasileira, se vê chamado ao palco dos Heartbreakers ao som da "Marselhesa" em ritmo de salsa — segundos depois, ele está lá, batucando, cercado de novos amigos. E, dias mais tarde, surge na quadra da Mangueira, ouvindo um ensaio da bateria. O deslocamento, a vocação para a mistura, a África e a Europa, o ouvido e as baquetas curiosos definem Stéphane San Juan — músico que já tocou com a dupla do Mali Amadou & Mariam, Adriana Calcanhotto, Orquestra Imperial, o saxofonista britânico Andy Shepard, Vanessa da Mata, Zélia Duncan, Tulipa Ruiz, +2, Erasmo Carlos, Caetano Veloso e Jorge Mautner e que agora lança seu primeiro disco solo, "Système de son" (Pommelo).

Alguns antecedentes históricos ajudam a compreender um tanto dos caminhos que formaram San Juan e dão pistas de como ele chegou onde está hoje, aos 42 anos. O sangue, por exemplo.

— A família do lado do meu pai é de ascendência espanhola, mas criada na Argélia. Minha mãe é de família alemã e italiana, nasceu no Vietnã e foi criada em Madagascar — conta San Juan. — Meus pais saíram adolescentes das ex-colônias, fugindo, quando elas ficaram independentes. Meu avô paterno, por exemplo, recebeu uma ligação dizendo: "Vocês têm três horas para pegar um barco e ir embora do país, se não serão mortos".

OUTROS REJEITADOS

Mais do que o sangue, foi fundamental a condição em que a família chegou à Europa. Expulsos das colônias como franceses, eles foram recebidos como árabes, explica San Juan:

— Mesmo nascido na França (*em Nancy, norte do país*), carreguei isso. Minhas amizades foram, então, os outros rejeitados. Eu tinha amigos de Senegal, dos Camarões, do Marrocos, da Argélia. Comecei a me interessar ali pelos ritmos da África — conta ele, que já na infância conhecia a música de Tom Jobim, Vinicius de Moraes e Chico Buarque, por influência da namorada de seu pai, cantora de jazz e bossa nova (o pai também já o havia apresentado a James Brown, Otis Redding, Jorge Ben Jor e Gilberto Gil, que viu no palco em 1982).

A bateria foi descoberta numa festa à qual o pai o levou quando tinha 11 anos — ele já morava em Montpellier, no sul da França, cidade de cultura mediterrânea, mais solar do que a conservadora Nancy ("O norte era frio, careta, triste, já no sul a luz era laranja, em vez de manteiga tínhamos azeite, o cuscuz argelino, o carinho pela comida", lembra). Entediado, San Juan sentou-se numa bateria que estava largada num canto e passou a noite explorando o instrumento. O pai percebeu o interesse e o levou para ter as primeiras aulas. Com três anos de estudo, o professor o dispensou. Dali, ele podia continuar sozinho.

San Juan seguiu o conselho. Aos 17 começou a tocar profissionalmente e aos 18 morava sozinho e pagava as contas com a bateria. Aos 21, com a banda Zwap, foi contratado pela multinacional Polygram.

— Mas percebi que para ser um baterista tinha que estudar os ritmos. Eu comecei tocando rock. Uma vez uma banda senegalesa me chamou para fazer um show no dia seguinte, eu cheguei lá e fiquei perdidão — diz, em ótimo português carregado de sotaque francês. — Comecei a me sentir limitado na minha cidade, então me mudei para Londres, sem falar inglês e sem conhecer ninguém.

Da capital britânica, passou uma temporada em Banglasdesh ("O pianista Kishon Kahn, inglês nascido em Bangladesh, me ensinou que era importante conhecer a música junto com a cultura do lugar"), outra em Cuba. Kahn o apresentou a gêneros africanos como juju, afrobeat e high life. Depois, San Juan se mudou para o Mali para aprofundar os estudos, conheceu Amadou & Mariam, e foi convidado para integrar a banda da dupla.

> "Stéphane é o francês mais brasileiro que eu conheço. Ele se adaptou perfeitamente, toca muito bem os ritmos daqui"
>
> **Wilson das Neves**
> Baterista

— É uma responsabilidade muito grande tocar com artistas como eles. Há muitos ritmos no Mali, fui morar lá para entender. E tive a experiência de viver como músico no terceiro país mais pobre do mundo. Vi os músicos mais talentosos que conheci, sem nenhuma perspectiva, sem emprego, sem instrumento.

Ao lado do histórico familiar multicultural, da união em torno dos "rejeitados" seus iguais na França e da sede de aprender, San Juan aponta outra causa torta para sua vocação de viajante:

— Tenho tendência à preguiça. E o sistema social francês, para o músico, induz a ela, porque se você trabalhar bem num ano, o Estado te paga um salário depois. Para não cair nisso, então, procurei me colocar em situações impossíveis, nas quais não podia ter preguiça.

O Brasil — que se formava na sua cabeça pelas influências paternas míticas da infância e, mais tarde, com algumas dicas do saxofonista britânico Andy Shepard e pelas férias passadas entre São Paulo, Rio e Salvador nos anos 1990 — o capturou para valer quando ele viu um show do Moreno +2 em Londres.

— Quando vi Kassin, Domenico (*Lancellotti*) e Moreno (*Veloso*), achei tudo ao mesmo tempo ancestral e futurista. Era diferente, era o caminho pelo qual eu poderia evoluir. Porque normalmente as culturas que têm uma tradição musical muito forte têm a tendência de se fechar naquilo. E isso não acontecia ali. Fiquei alucinado. Já conhecia Kassin, que me apresentou a Domenico e Moreno e disse: "Reservamos um estúdio para gravar algo aqui, *vamulá*". Foi muito especial. Essa espontaneidade brasileira me seduziu, como já tinha acontecido quando vim ao Brasil pela primeira vez e toquei com o Heartbreakers de Guga Stroeter. Na Europa, até alguém te chamar para tocar junto são uns três anos, você tem que comer dez vezes na casa da pessoa... — brinca.

A espontaneidade também é dele. Em 2001, San Juan veio tocar no Rock in Rio com Amadou & Mariam e reencontrou os amigos. Em 2002, ele voltou de férias e participou de três discos. Entre eles, "Cantada", de Adriana Calcanhotto, com quem viajaria em turnê como integrante de sua banda naquele mesmo ano. Somado ao nascimento da Orquestra Imperial, o convite fez com que ele voltasse ao Rio, onde está até hoje.

TRIBUTO A SERGE GAINSBOURG

Foi com a Orquestra Imperial, aliás, que ele produziu seu projeto mais ambicioso antes do disco "Système de son": um show em tributo a Serge Gainsbourg, no ano da França no Brasil (2009), com participações de Jane Birkin, Caetano Veloso e do maestro Jean-Claude Vannier (que trabalhou com Gainsbourg).

— Foi uma forma de retribuir o que o Brasil havia me dado — explica. — Minha ideia quando vim para o Brasil era passar um ano, viver a experiência de um músico brasileiro e depois ir para outro lugar. Mas me dei conta de que aqui estava reunido tudo o que eu tinha vivido até então. A África, a Europa... Até o sotaque dos "pied-noir" (*"pés pretos", como são conhecidos os franceses que saíram da África com o fim da colonização*) é parecido com o sotaque carioca.

— Stéphane é o francês mais brasileiro que eu conheço — diz Wilson das Neves, parceiro e amigo, a quem San Juan chama de "pai espiritual". — Ele se adaptou perfeitamente, toca muito bem os ritmos daqui. A gente se conheceu na (*finada loja de discos*) Modern Sound, fui com a cara dele, ele com a minha. Hoje temos intimidade, uma amizade de pai para filho. E um grande entendimento musical.

Das Neves é uma influência forte por ter feito o movimento que San Juan executa agora, e que Domenico, outra referência para o francês, também já fez: lançar-se numa carreira de cantor e compositor depois de anos como baterista. O disco "Système de son" tem uma música dedicada ao "pai espiritual". Batizada de "Ô chance", ela faz graça com o bordão "Ô sorte", de das Neves.

O álbum, aliás, é definido por San Juan como profundamente pessoal:

— Tem um pouco dos estilos de todos os lugares por onde passei, mas sobretudo do tem histórias que falam de mim. Por isso a capa é meu rosto. Minha amizade com Wilson, minhas viagens, minhas separações, como o fim da minha relação com a Thalma de Freitas, com quem estive por quatro anos. Vejo o disco como o ponto de partida de uma carreira nova, então queria pôr as fundações de quem eu sou — diz, referindo-se ao álbum de atmosfera cool e canto rouco. — Tenho voz mais grave. Essa onda sensual, de cantar como se parecesse que estou paquerando, esse cantar sussurrado é gostoso, me dá um prazer físico.

San Juan, homem da França (e da Argélia, do Mali, da Inglaterra, do Brasil...) é definido por Thalma, via Facebook, a partir de uma frase que ele costuma dizer — misto de teoria musical e humanismo suingado:

— "É tudo Um" é uma frase bem do Stéphane, falando sobre tempo musical. Ele aprendeu no Mali, quando tocava com Amadou & Mariam. E o Sr. Wilson das Neves concorda. :)

Com 1 ano, San Juan marcava o ritmo do que ouvia batendo com a cabeça contra a parede. Depois, começou a fazer o mesmo no sofá — era uma forma de lidar com os problemas psicológicos da mãe e as dificuldades de relacionamento entre os pais.

— Até os 17 anos, eu fazia isso, me isolava com o fone de ouvido e batia a cabeça no sofá, no ritmo. Era minha terapia. Depois, fui para a bateria. Ela me salvou. ●

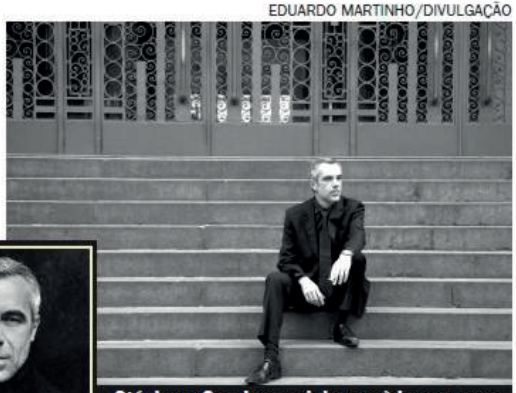
NA WEB
VÍDEO
oglobo.com.br/cultura
Stéphane San Juan comenta a faixa "Les êtres humains"

'SYSTÉME DE SON'

Baterista francês lança disco solo

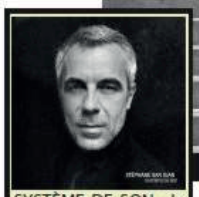
KUBITSCHEK PINHEIRO

EDUARDO MARTINHO/DIVULGAÇÃO



Stéphane San Juan vai do pop à bossa nova

O baterista francês Stéphane San Juan radicado no Brasil desde 2002 está lançado seu primeiro disco solo *Systéme de Son*, com selo da Maravilha8/Pommelo Distribuições onde ele canta canções de sua autoria com as parcerias de Alebrto Continentino, Somenico Lancelotti, Gabriel Riley, Gustavo Ruiz Sean O'Hagan e Wilson das Neves, entre outros.



SYSTÈME DE SON, de StéphaneSanJuan.Maravilha8/ Pomelo. R$ 25,90.

Stéphane já havia soltado a voz no primeiro CD da Orquestra Imperial, *Carnaval Só o Ano que Vem*. "Agora preciso que o público conheça meu trabalho não só como baterista/percussionista, mas minhas canções na minha voz".

Quem assina apresentação do CD de Stéphane é Moreno Veloso, amizade que nasceu em Londres. "Quando saiu o *Moreno +2* fui ver o show deles em Londres e depois fui abraçá-los e me apresentaram a Moreno. Naquela noite ficamos amigos e naquela mesma noite tocamos num estúdio londrino". lembra.

A primeira faixa "Systéme de son" (dele, Dominico e Alberto Continentino), que dá nome ao CD tem-se a impressão que estamos ouvindo o suíngue de Henri Salvador. "Tem bastante gente que fala isso, que eu canto como ele, e eu gosto muito do som de Henri Salvador. Sei que ele morou no Brasil e lamento nunca ter visto ele cantar", comentou. A partir da metade do CD ele se mostra bem brasileiro: a sexta faixa do CD "Retornando" (dele, Quito Ribeiro e Gabriela Riley) ele canta em bom português (a letra tem versos em português e em inglês com ritmos dançantes de um apetitoso samba). "Eu a fiz em 2004 e ela tem bastante a influência da África, do ocidente e de Cuba. Eu quis fazer com nessa linha mais latina", conta.

セルジュ・ゲンズブールがアフリカ経由でブラジルに!?

ステファン・サンフアン『サウンド・システム』

文●松山晋也
texto por SHINYA MATSUYAMA

O francês Stéphane San Juan estreia em CD solo

Stéphane: de baterista a cantor | EDUARDO MARTINO/DIVULGAÇÃO

Faz 12 anos que ele chegou por aqui e já virou o francês mais brasileiro que Wilson das Neves conhece. "Filho espiritual" de Das Neves (mestre maior, referência para todas as gerações de bateristas do país), Stéphane San Juan já tocou com muita gente boa da MPB (Vanessa da Mata, Adriana Calcanhotto, Orquestra Imperial, Erasmo Carlos, Caetano Veloso, só para citar alguns). Agora, aos 42 anos, lança o primeiro álbum como cantor e compositor, "Système de Son".

E como é bom ouvir a voz grave de Stéphane, ora fazendo graça à moda de Serge Gainsbourg, sussurrando (em francês) faixas como "Mio Amore Mio" (dele, Gustavo Ruiz e Sean O'Hagan), ora cantando alegremente (em bom português) os "calundus", "cafunés" e "mainhas" da letra de "Retornado", parceria dele com Quito Ribeiro e Gabriela Riley.

É alegre o "Système de Son" de Stéphane San Juan. Traz um pouco dos estilos dos lugares por onde ele morou (França, Inglaterra, Mali, Brasil) e um tanto da simpatia do "pai espiritual". Das Neves, aliás, é homenageado com uma música do álbum. "Ô Chance", a oitava das 10 faixas do CD, é uma brincadeira com o bordão do amigo-guru ("Ô, sorte!") e conta com os vocais e o riso solto do homenageado.

A cantora Tulipa Ruiz e o rapper libanês Clotaire K também participam do disco. Tulipa faz uma dobradinha com Stéphane em "Miroir en Nous". Clotaire K aparece em "Les Êtres Humains, escrita por ele, Stéphane e Gabriela Riley.

No ótimo time de instumentistas que acompanha o francês estão Kassin, Pedro Sá e Gustavo Ruiz (guitarras), Alberto Continentino (baixo) e Donatinho (piano).

TERESA ALBUQUERQUE/ METRO

"SYSTÈME DE SON"
STÉPHANE SAN JUAN
MARAVILHA 8, R$ 25

ROBERTO PALERMO E VIRGIL APGER/AFP

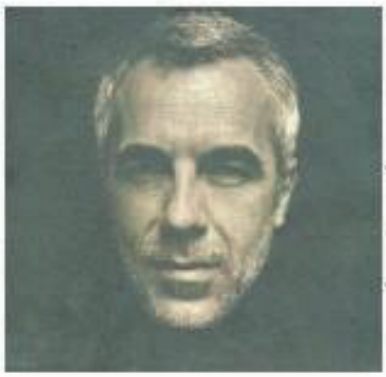
O CETICISMO DE UM POLIGLOTA NÔMADE

Système de Son. Stéphane San Juan. Pommelo

Francês de Nancy, o baterista Stéphane San Juan, descendente de alemães, espanhóis e italianos, morou em Bangladesh, Cuba, Mali e Inglaterra antes de aportar no Brasil. Em 2001, apresentou-se no Rock in Rio com a dupla malinesa Amadou & Marian, e, no ano seguinte, integrava a banda de Adriana Calcanhotto. Tocou com Erasmo Carlos, Caetano Veloso, Vanessa da Mata, Jorge Mautner e o trio rotativo de Moreno Veloso, Kassin e Domenico Lancellotti. Era inevitável seu desembarque na miscigenada Orquestra Imperial, onde produziu, no Ano da França no Brasil, em 2009, um tributo a um de seus ídolos, Serge Gainsbourg, com participações da ex-mulher do compositor, a cantora e atriz Jane Birkin, e o maestro Jean-Claude Vannier, que trabalhou com ele. Na estreia-solo, Stéphane sussurra, entre Gainsbourg (*Mio Amore Mio*) e Henry Salvador (*Système de Son*), o inventário estético da própria trajetória errante.

Escoltado por amigos músicos locais (Kassin, Pedro Sá, Donatinho, Mauricio Pacheco, Zero, Berna Ceppas, Gustavo Ruiz) e importados (Brian Wright, Harriet Davis, Jonathan Kitchen), contracena com vocais de Tulipa Ruiz (*Miroir em Nous*) e dialoga com o colega baterista da Orquestra Imperial Wilson das Neves, cujo bordão "Ô sorte", adaptou para "Ô chance", numa levada que lembra o espaçoso *Samba da Bênção*, de Baden Powell e Vinicius de Moraes. Em português nublado, entoa sua parceria com Quito Ribeiro e Gabriela Riley, o caribenho *Retornado (Tudo que irá já se passou/ tudo que foi ali, voltou)*. Convulsionado por sopros de tonalidade afrobeat e litania árabe, *Les Êtres Humains* pontua o ceticismo desse poliglota nômade: *Do Rio a Bamako, andei/ de Paris a Tóquio, procurei/ encontrei seres humanos/ diferentes em nada/ nós nada somos/ além de seres humanos.* – Tárik de Souza

CDs



Pommelo distribuições/Reprodução

STÉPHANE SAN JUAN

» *Système de son*/Pommelo Distribuições ★★★★

Aos 42 anos, o baterista francês Stéphane San Juan lança o disco de estreia solo, no qual assume os vocais e mostra tudo o que aprendeu na carreira, construída na África, na Europa e no Brasil — onde mora há 12 anos. Se na primeira metade do álbum o que se sobressai é o vozeirão envolvente, à la Charles Aznavour e Serge Gainsbourg, na outra parte é o suingue brasileiro que rouba a cena. Kassin, Alberto Continentino e Tulipa Ruiz são alguns dos vários músicos que fazem parte desse registro, uma prova de que a mistura de pop francês com o samba e a bossa nova dá mais do que certo. (JF)

EDUARDO MARTINO/DIVULGAÇÃO

O baterista e percussionista francês Stéphane San Juan estreia em disco com *Systéme de son*

DEZ FAIXAS

O bom gosto não morreu

KIKO FERREIRA

Senhoras e senhoras, uma boa-nova. Apesar de não estar exatamente na ordem do dia, o bom gosto musical não saiu de cena definitivamente. *Systéme de Son*, o saboroso disco de estreia do baterista e percussionista francês Stéphane San Juan, radicado há 10 anos no Rio de Janeiro, é prova concreta desse alento. Mais conhecido por integrar a Orquestra Imperial, mas também presente em discos e shows de Kassin, Lobão, Bebel Gilberto e, mais recentemente, como integrante da banda de Vanessa da Mata, é um destes poliglotas musicais, como o violinista Nicolas Krassik, que escolheu o Rio como base de uma nova fase da carreira.

Com trabalho anterior na França, Inglaterra e África, ele veio ao país para conhecer os ritmos brasileiros e para tocar com o +2, de Kassin, Moreno Veloso e Domenico Lancelotti, numa fase do trio em que este último ia deixar as baquetas para assumir os vocais. Fez um curso intensivo com o grande Wilson das Neves e com Domenico, e logo estava à vontade com o universo do samba e da cena carioca contemporânea.

San Juan, que aparece na foto da capa sugerindo, involuntariamente, um mix de Angeli e Leonard Cohen, surge cantando em francês, como uma espécie de Serge Gainsbourg com um pé nos trópicos, um Henri Salvador com um maior arsenal rítmico e timbrístico.

Com apenas 10 faixas, arranjos de Alberto Continentino e de Sean O'Hagan, e participação de Tulipa Ruiz, do rapper libanês Clotaire K e de integrantes ilustres da Orquestra Imperial (incluindo Wilson das Neves), o percussionista, que já tocou com Erasmo e Mautner, revela-se um cantor de voz suave e segura e um compositor de boas ideias e soluções.

Mesmo que menos seguro quando canta em português (*Retornado*), e surpreendente quando mistura Rio, Kyoto, Marajó e "L'Histoire D'O" na quase bilíngue *Mio amore mio*, na maior parte das faixas ele constrói um universo próprio, com letras sugestivas e uma mescla de ritmos que sugerem pontes entre Europa, África e Brasil que nunca descamba para o folclórico, para o clichê ou para a falsa simplicidade. E ainda se dá ao luxo de construir seu próprio afrossamba, com *Ô chance*, prima não tão distante do *Samba da bênção*, de Baden e Vinicius.

POP/ROCK

SYSTÈME DE SON

O músico francês Stéphane San Juan mora no Rio de Janeiro há 12 anos e já integrou a Orquestra Imperial. Durante esse período, também tocou com Caetano Veloso, Adriana Calcanhotto e Vanessa da Mata, entre outros. O baterista e percussionista faz agora sua estreia em disco solo, com influências sonoras do Brasil e de outros países por onde passou –Argélia, Mali, Inglaterra, Bangladesh, Cuba.

Em seu primeiro trabalho, ele conta com a ajuda dos parceiros musicais que conquistou por aqui, incluindo Kassin, Alberto Continentino, Domenico Lancellotti, Donatinho. A cantora Tulipa Ruiz, uma das boas surpresas do disco, rende um belo dueto em "Miroir en Nous". San Juan não foge à influência de Serge Gainsbourg, como em "Mio Amore Mio". O vozeirão do eterno autor de "Je t'Aime... Moi Non Plus" é evocado em diversos momentos do álbum, mas o músico se sai bem quando evita a zona de conforto –como quando arrisca uma canção latina em "Retornado" ou ensaia um afrobeat em "Les Êtres Humains". **(LN)**

ARTISTA Stéphane San Juan
GRAVADORA Pommelo
QUANTO R$ 25,90
AVALIAÇÃO bom

FOLHA DE S.PAULO — TERÇA-FEIRA, 7 DE FEVEREIRO DE 2017 — ★★★ ilustrada C3

Projeto audiovisual 'enclausura' artistas

Estúdio carioca que criou parte da abertura da Rio-2016 renova termo 'música de elevador' em série de clipes na web

Primeiro episódio traz canção de Stéphane San Juan, que faz no Rio show de lançamento do programa, na sexta (17)

AMANDA NOGUEIRA
DE SÃO PAULO

Esqueça os arranjos suaves e insossos que embalam elevadores de centros comerciais, chamadas em espera e lojas de shopping centers.

Ao seguir o termo à risca, o projeto Música de Elevador (musicadeelevador.com.br) pretende subverter o significado de "som chato".

A série de videoclipes musicais enclausura artistas em elevadores do Rio de Janeiro. Nela, a cabine é, ao mesmo tempo, protagonista e cenário dos episódios.

Cada capítulo é dividido em duas partes. A primeira, uma narração com liberdade ficcional que introduz o elevador em questão. A segunda, a apresentação musical do artista convidado.

O projeto é uma criação do estúdio de design carioca Radiográfico em parceria com Fernando de Souza, da produtora Zohar Content.

No primeiro episódio, lançado em dezembro, figurou o músico Stéphane San Juan, francês radicado no Rio de Janeiro há mais de uma década, que já tocou e gravou com nomes como Caetano Veloso, Erasmo Carlos e Tulipa Ruiz.

Em um antigo elevador Otis do Edifício Lage, no bairro carioca da Glória, ele toca a canção "Souffle Moi Nos Plus Beaux Moments", de seu álbum de estreia, "Système de Son", lançado em 2014.

Dividem a cabine também o tecladista Donatinho, o baixista Alberto Continentino e os guitarristas Pedro Sá e Guilherme Lírio, além da cantora norte-americana Gabriela Riley. "Queremos brincar com a ideia dos estilos dos elevadores e mostrar uma música de qualidade", diz Pedro Garavaglia, 40, à frente do Radiográfico com Olivia Ferreira, 38.

O próximo episódio, que deve ser divulgado em abril, terá como convidado o cantor e compositor Rubel, dono da trilha "Quando Bate Aquela Saudade" e vencedor da categoria voto popular do edital da Natura Musical de 2016.

"Queremos criar um contraste com a música tranquila e melódica", diz Garavaglia, antecipando que o vídeo deve ser gravado em um elevador de carros.

Ele conta que a expectativa é que, no futuro, o projeto possa ser filmado em cabines de cidades como São Paulo, Salvador e Buenos Aires.

Para Garavaglia, "a ideia é que move" o formato final de uma proposta do estúdio, fazendo com que transcendam a formação como designers. "Se vai virar um filme, uma projeção, um cenário, a gente não sabe, é o que se adequa melhor ao objetivo", diz.

Conhecida por suas criações cenográficas, como o visual da cerimônia de abertura da Olimpíada do Rio no Maracanã – incluindo os trícicos das delegações – e o cenário de "Esquenta", da Globo, o Radiográfico já realizou outras incursões na música.

Desde 2012, o estúdio recebe mensalmente, no quintal de seu escritório, no bairro Humaitá, artistas, chegados e amigos de amigos no evento Jazz no Jardim.

Música de Elevador lançado oficialmente com show no Teatro Ipanema quinta (17). A ideia é que da episódio ganhe um evento próprio em que o convidado apresente o do episódio guinte. Desta vez, Stéph San Juan será anfitrião, bel fará uma participaç

MÚSICA DE ELEVADOR
QUANDO sex. (17), às 20h30
ONDE Teatro Ipanema, r. Pro de Morais, 824, Rio de Ja tel. (21) 2267-3750
QUANTO R$ 40; livre

Alberto Continentino (à esq., no baixo) e Donatinho (dir., nos teclados) no elevador do Edifício Lage, no bairro da Glória

A cantora norte-americana Gabriela Riley em cena do primeiro episódio da série musical

"A gente achou que seria maneiro levar o termo 'música de elevador' ao pé da letra e subverter o sentido, geralmente usado para falar de música chata e genérica. Então propusemos fazer uma música de qualidade dentro do elevador"

PEDRO GARAVAGLIA, sócio do estúdio Radiográfico

EDUARDO MARTINO/DIVULGAÇÃO

SURPRESA – Stéphane San Juan impressiona ao mostrar um belo tom de voz ao assumir suas composições em francês

Baterista francês prova que também canta muito bem

Stéphane San Juan lança no Brasil o álbum "Système de Son"

Cinthya Oliveira
ciolitveira@hojeemdia.com.br

Os 12 anos de vivência no Brasil e o contato com prestigiados compositores da música popular brasileira foram fundamentais para que o baterista francês Stéphane San Juan se sentisse convidado novamente a compor. "Em 2007, quando estávamos fazendo o primeiro disco da Orquestra Imperial, o Wilson das Neves me pediu para escrever uma letra para uma melodia. Gravamos a canção e, a partir dali, voltei a compor, seja sozinho ou com amigos", conta o músico europeu.

Quando reuniu um número satisfatório de composições, San Juan partiu para as gravações de "Système de Son" (Pommelo), seu primeiro trabalho autoral desenvolvido em território brasileiro.

Com participações de Tulipa Ruiz, do rapper libanês Clotaire K e de um número considerável de músicos destacados (Pedro Sá, Kassin, Alberto Continentino, Donatinho, Gustavo Ruiz e muitos outros), o disco traz um misto de sonoridades apreendidas em diversos países pelos quais o baterista passou. Mas o grande diferencial é que San Juan – sempre escondidinho no fundo do palco, atrás da bateria – aqui se mostra dono de uma bela voz, entoando canções em sua língua pátria.

"Sempre fiz minhas músicas, mas não levava isso muito a sério. Na França, trabalhava em projetos autorais e, quando me mudei para Londres, passei a me concentrar apenas no trabalho como baterista. Mas quando vim para o Brasil, voltou o desejo de escrever. Aqui conheci Domenico e Wilson das Neves, que também são bateristas e que também apostaram no lado compositor e cantor", afirma.

Nos shows de lançamento do álbum, Stéphane San Juan assumirá apenas o microfone. "É um trabalho mais íntimo. Tem que estar clara a minha posição no palco. Talvez eu toque uma percussão", diz

ADAPTADO

No Brasil, Stéphane San Juan encontrou oportunidades incríveis de trabalho (tocou com Vanessa da Mata, Adriana Calcanhotto, Caetano Veloso, Zélia Duncan etc), mas também foi onde experimentou uma maior liberdade de linguagem. "O Brasil é um país muito grande, com muitas culturas, e pude fazer muitas descobertas. Isso realmente abriu a minha cabeça", afirma. "Aqui há muito lugar para a espontaneidade, me soltei no Brasil. Na Europa, em geral, as pessoas têm medo de serem criticadas antes mesmo de fazer".

Filho de argelino de sangue espanhol e de vietnamita de ascendência alemã, San Juan cresceu em meio à multiplicidade cultural e sempre se interessou por pessoas de todas as partes do mundo. No Brasil, pôde vivenciar a pluralidade que sempre lhe encantou. "O dia a dia aqui me lembra costumes da minha família. Algo que vai do jeito com que se cozinha à maneira de se contar uma história. Coisas básicas vividas no Brasil me lembram a família do meu pai". •

MÚSICA

Batida francesa

Elegante, um tanto irreverente. A primeira audição de "**Système de Son**" (Pommelo Distribuições), disco de estreia do francês **Stéphane San Juan**, não trai a principal habilidade do artista. Ele é baterista, e dos bons. Nascido em Nancy, veio ao Brasil com o famoso casal de músicos Amadou et Mariam, do Mali, onde viveu. Por aqui há mais de uma década, Stéphane toca com Vanessa da Mata e faz parte da Orquestra Imperial com Kassin, Domenico, Pedro Sá e o veterano Wilson das Neves, todos no seu disco. Os requintados arranjos de metais, os vocais femininos e a voz de grave de Stéphane – autor de todas as músicas (três em parceria com Gustavo Ruiz) – remetem ao ícone da música francesa Serge Gainsbourg.

Discoteca

***** Obra-Prima
**** Ótimo
*** Bom
** Razoável
* Ruim

POP FRANCÊS

Système de son *Stéphane San Juan*
****

Ligado à Orquestra Imperial e à turma de Kassin, o baterista francês lança um primeiro disco tão inebriante (pela sonoridade, pelos exuberantes arranjos) que sua falta de vocação para o canto se torna irrelevante. San Juan ecoa em francês referências do Brasil ('Ô chance' celebra Wilson das Neves), África e Serge Gainsbourg ('Mi amore mio'). San Juan produziu o CD.

ESTILO MÚSICA DE ELEVADOR

NERIN JONES / DIVULGAÇÃO

Sobe e desce. Gabriela Riley e Stephane cantam e tocam num prédio em estilo francês

Gabriela Riley, cantora americana radicada no Rio, e o baterista **Stephane San Juan** são as atrações de estreia da websérie "Música de Elevador", produzida pelo estúdio Radiográfico. A cada episódio é apresentada a história de um elevador charmoso, seguida pela performance de um músico ou banda tocando dentro dele. "Foi divertido, deu uma sensação de vingança pelos anos dos vizinhos reclamando", brinca Stephane. Os dois farão o show de lançamento da série, no próximo dia 17, dentro da programação do projeto Curto Circuito, no Teatro Ipanema.

DISCOS
POR LUIZ CHAGAS

FRANCÊS Nascido em Nancy, carioca desde 2002, Stéphane San Juan viveu, tocou e gravou em vários países – só com a dupla Amadou & Marian (Mali) são quase dez discos. Pertence à banda de Vanessa da Mata, produziu o encontro Jane Birkin-Caetano e é Gainsbourg até a medula. No disco, parcerias com Domenico, Continentino, Gustavo Ruiz, Gabriela Riley e Sean O'Hagan. Dedicou Ô Chance ao ídolo Wilson das Neves (o bordão "ô sorte" é do veterano), além da voz de Tulipa. Quase todo no idioma do elegante baterista. Vai fazer carreira internacional.
Stéphane San Juan – Système de son (Maravilha8/Pommelo Produções)

lançamento

O produtor Kassin e os irmãos Tulipa e Gustavo Ruiz participam do disco de Stéphane

STÉPHANE SAN JUAN – "SYSTÈME DE SON" (MARAVILHA 8/POMMELO DISTRIBUIÇÕES)

Apesar de aplicar uma pegada sensual ao estilo Serge Gainsbourg em seu primeiro disco solo, a música autoral do cantor, compositor e arranjador francês Stéphane San Juan vai muito além da chanson francesa da década de 60 e 70. É que as dez faixas autorais do disco carregam um balanço pop e moderno, com influências africanas, brasileiras e um suingue tipicamente latino – influência dos 12 anos em que o cantor está radicado no Brasil.

Destaque para os metais de "Souffle Moi Nos Plus Beaux Moments", bem como a guitarra de carimbó de "Retornado", única música cantada em português, e o pandeiro pulsante de "Amour Posthume". **(LS)**

No Tom

Sons do mundo com San Juan

O baterista francês Stéphane San Juan, de 42 anos, é um cidadão do mundo. Com famílias de origem europeia e africana, já foi instrumentista "nômade" em bandas pela Europa, África e Brasil, onde está radicado no Rio de Janeiro há 12 anos. Seus serviços já foram requisitados por nomes do calibre de Erasmo Carlos e Caetano Veloso.

Agora, o dono das baquetas também passa a se destacar pela sua voz com o lançamento de seu primeiro álbum solo, "Système de Son" (Maravilha8, R$ 25,00), de 10 faixas — sendo nove em francês e uma em português.

O músico, cujo sotaque ao falar português já incorporou um pouco da malemolência do carioca, definiu ao **AT2** que o trabalho de estreia tem um pouco de África — San Juan já tocou junto à renomada dupla do Mali Amadou & Marian — e, inevitavelmente, toque francês, a partir da imensa colcha de retalhos étnica do país europeu.

"Eu, como uma pessoa amante de música, gosto de tudo. Passei por muitos estilos musicais. Sempre procurei pelo que eu não conheço. Naturalmente, na hora de fazer o meu CD, queria ilustrar cada música", frisou ele.

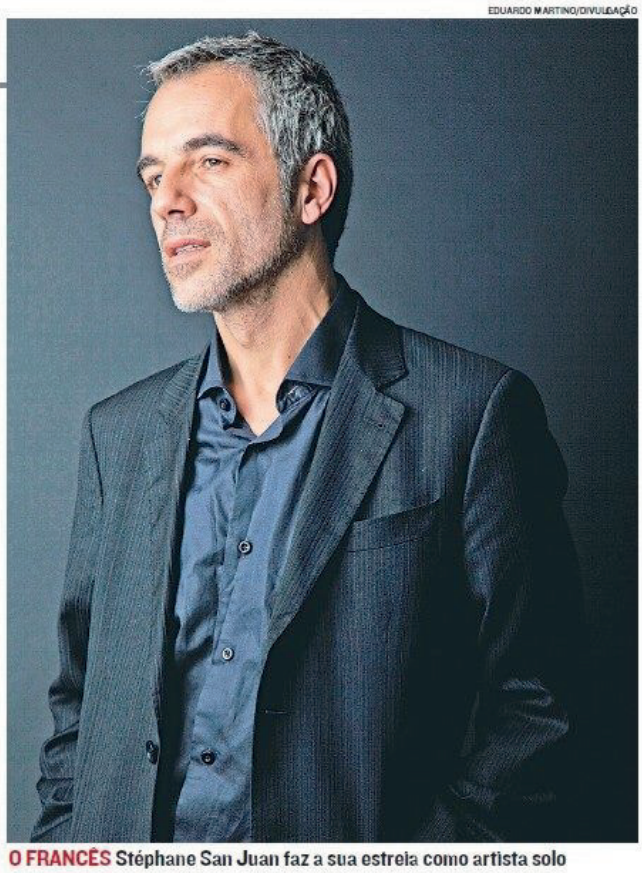
Há ainda a influência da produção brasileira, com quem aprendeu a amar com o falecido pai, Fernand Sanjuan, e a madrasta, Christine Zoccoli. "Como meu pai gostava muito de muita música para dançar, pude conhecer os brasileiros em Montpellier (sua terra natal). Ele tocava 'Fio Maravilha', de Jorge Ben Jor, e 'Toda Menina Baiana', de Gilberto Gil. Já minha madrasta ouvia muita bossa nova, com João Gilberto. Aquilo me impregnou", explicou.

Muito da decisão de se aventurar nos vocais veio a partir do exemplo do "pai espiritual", o também veterano baterista Wilson das Neves, parceiro de San Juan na carioca Orquestra Imperial.

Ao mestre, ele dedica a canção "Ô Chance" — tradução francesa do bordão "Ô Sorte", de das Neves —, um samba-canção de melodia do carioca, mas com letra do europeu e cantado em francês. Trata-se de uma homenagem ao brasuca.

Outro destaque é "Les Êtres Humains", uma Torre de Babel de línguas para falar que o ser humano é igual. Participam da faixa o cantor senegalês Nalla N'Doye, a americana Gabriela Riley, e o rapper libanês Clotaire K, que faz as rimas em árabe. Enriquecem o trabalho o dueto com a revelação brasileira Tulipa Ruiz e o coro da irmã do europeu, Laura Sanjuan. "Foi tudo feito 'em casa'", brincou, ao citar que o trabalho teve a família de sangue e, também, a dos amigos.

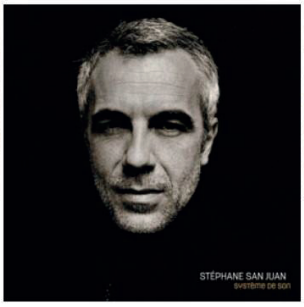
EDUARDO MARTINO/DIVULGAÇÃO



O FRANCÊS Stéphane San Juan faz a sua estreia como artista solo

STÉPHANE SAN JUAN
Système de Son

Os ligados na cena musical carioca dos anos 2000 se acostumaram a ver seu nome como baterista em trabalhos da turma de Kassin, Moreno e Domênico; mas também integra a Orquestra Imperial, gravou com La Calcanhotto, Caetano, Erasmo. Francês há 12 anos vivendo no Rio, Stéphane acaba de lançar o primeiro álbum como compositor e cantor, mesclando estilos dos países por onde atuou, da Inglaterra ao Mali. Nas 10 faixas – nove em francês – usa muito bem a voz grave e o canto quase falado, lembrando Serge Gainsbourg. Entre uma maioria de canções românticas, como a bossa-novista *Amour Posthume*, destaca-se a especialmente pop e percussiva *Les Êtres Humains*, sobre suas andanças pelo mundo. Com ótimos arranjos e músicos (Donatinho, Gustavo Ruiz, Pedro Sá, Alberto Continentino), vozes femininas e convidados como Tulipa Ruiz e Wilson das Neves, é um disco muito bom de ouvir. **Pommelo Distribuições, R$ 25.**



CALDEIRÃO DE RITMOS. Reunindo vários estilos musicais, álbum tem participação especial de Tulipa Ruiz e o mestre Wilson das Neves

Erasmo Martins/Divulgação

França à brasileira

Radicado no Brasil, francês Stéphane San Juan lança seu 1° disco solo, 'Système de Son'

Audaci Junior

Há mais de 12 anos radicado no Brasil, o francês Stéphane San Juan está lançando seu primeiro disco solo, batizado de *Système de Son* (Maravilha8/Pommelo).

Mesmo falando português sem muito sotaque, a maioria das faixas apresentadas no álbum é cantada na sua língua-pátria. "Não quero massacrar a língua portuguesa", brinca o músico, em entrevista ao JORNAL DA PARAÍBA. "Eu estou evoluindo aqui mais do que onde estava", analisa.

Das 10 faixas presentes no CD, pelo menos em uma Stéphane San Juan apresenta seu português: 'Retornado', com um ritmo mais tropical e dançante, remetendo às raízes presentes na Bahia e África, segundo o artista. "O Brasil é a minha segunda casa".

Apesar de ser o trabalho de estreia solo de Stéphane, ele já possui um grande leque de experiência no ramo, principalmente assumindo as baquetas e percussões nos palcos e estúdios ao lado de nomes como a Orquestra Imperial, Os Ritmistas, Caetano Veloso, Jorge Mautner, Erasmo Carlos e Tulipa Ruiz, dentre outros.

"Já estive na Paraíba três vezes: duas vezes com a Vanessa da Mata e uma com Adriana Calcanhotto logo quando eu cheguei no Brasil, em 2002", relembra. "Adoro as pessoas, a culinária e a cor do mar da Paraíba. Queria conhecer mais e talvez até fazer um forró no futuro", aponta.

O norteamento para a sonoridade verde-amarela já vinha muito antes, desde pequeno, quando a sua madrasta, cantora de jazz e bossa nova, apresentava Tom Jobim, Vinicius de Moraes e Chico Buarque para o moleque, que, de vez em quando, era levado para restaurantes brasileiros.

Nascido em Nancy, norte da França, a miscelânea da bagagem do artista não se restringe às fronteiras brasileiras. Antes de fixar residência no Rio de Janeiro, San Juan tocava os ritmos da África Ocidental no Mali, e conhecia o acid jazz de bandas como Jamiroquai e Brand New Heavies na vida noturna londrina, além de colecionar amizades de músicos do Senegal, Camarões, Marrocos e Argélia.

SUSSURROS E PAQUERAS

Système de Son é definido Stéphane San Juan como profundamente pessoal.

"Queria fazer deste trabalho um retrato do momento que eu estou, um pouco dos estilos que eu já toquei. Trazer para o pessoal com uma palheta ampla dos estilos musicais".

Dentre as participações especiais presentes no álbum, Tulipa Ruiz faz biquinho na canção 'Miroir en nous' e, na cadência do samba, 'Ô chance' tem a companhia do homenageado, o mestre carioca Wilson das Neves.

Já em faixas como 'Mio amore mio', o músico se apega à sensualidade da língua de sua terra natal. "Gosto muito de cantar como se parecesse que estou paquerando e sussurrado", confessa o francês. "No show isso atrai muitas mulheres", brinca aos sorrisos.

Produzido pelo próprio San Juan, *Système de Son* tem arranjos de Alberto Continentino e Sean O' Hagan. "A ideia é lançar o disco, as pessoas ouvirem um pouquinho e depois ir ao show, que será lançado em agosto ou setembro, no Rio e em São Paulo".

10/8 SAT | The Garden Hall

Montreux Jazz Festival Japan

Stéphane San Juan

http://www.montreuxjazz.jp/

A. Nota

STÉPHANE SAN JUAN

LANÇAMENTO DO DISCO **SYSTÈME DE SON**

20 NOVEMBRO | 21h

OI FUTURO IPANEMA
RUA VISCONDE DE PIRAJÁ 54
IPANEMA - RIO DE JANEIRO
INFOS: 21 3201 3010
INTEIRA: R$ 20,00 MEIA: R$ 10,00*

www.oifuturo.org.br

* a meia entrada é vendida somente com a apresentação da carteirinha e / ou documentos de identificação no ato da compra

PATROCÍNIO

APOIO

O baterista francês Stéphane San Juan apresenta seu novo trabalho solo hoje à noite no Manouche, no Jockey

da e da obra do
nológo "Gon-
— Saudade", de
elo, conta sua traje-
o Centro Cultural
pal Oduvaldo Vianna
ho Flamengo, também
de fevereiro. Além dis-
músico, que foi enredo

Sá, em
que é, o que
enredo da Império
Para Nanan Gonzaga
discurso do pai é necessário
e, por isso, continua atual.
— Ele tinha uma coisa po-
lítica muito forte, falava ver-

DIVULGAÇÃO/NATH

Quanto: R
Classificação: 10

dim
0), às

po for-
sopros e
(viola
o (violão) e
são) faz
ita do show
ume nordesti-
naginário
o do Nordeste.
ral BNDES (Av.
o), às 19h. Livre.

orks Animation:
da do esboço à tela'.
sete países, a mostra
CCBB (Rua
Centro —

Animation, trazendo 400 itens de acervo das animações do estúdio, incluindo desenhos, storyboards, máscaras, fotografias, pôsteres, pinturas e artes originais. Qua a seg, das 9h às 21h. Grátis. Livre. Até 15 de abril.

TEATRO
'Auto eus — A ditadura da

aprovação social'. No solo que estreia no Teatro Poeira (Rua São João Batista 104, Botafogo — 2537 8053), a atriz Adriana Perin percorre uma jornada de autoconhecimento e desconstrução de sua própria história, a partir de episódios que viveu, como o casamento e a separação, uma viagem à Índia e a estadia em um acampamento do MST, entre outros. Ter e qua, às 21h. R$ 50.16 anos. Até 20 de março.

> 'Euforia'. A peça que reestreia no Midrash (Rua General Venâncio Flores 184, Leblon — 2239-1800) traz os desejos de personagens "invisíveis" na sociedade, com idoso gay e uma mulher tet
ca. Qua, às 20h30m. R$
anos. Até 27 de fevereir

LIBRA
complementar:
Neste momento,
assertividade chega pela confian
capacidade. É tempo de sentir

ESCORPIÃO
complementar:
Aqueles que
zir essa força com sa
inquietação. É temp

SA
tos, e mu
tempo